

# A narração Benjaminiana como possibilidade em reportagens jornalísticas<sup>1</sup>

Pedro Henrique Pereira Borges de OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Ceará, Ceará, CE<sup>3</sup>

## Resumo

Esse artigo tem como objetivo relacionar de que forma o conceito de narrador de Walter Benjamin pode ser identificado na figura do Jornalista em certos momentos de sua produção. Investigar e perceber através da notícia e da reportagem, como e quando o texto jornalístico pode ser uma narração, não exatamente aos moldes de Benjamin, mas também como uma de suas possíveis equivalências na contemporaneidade.

**Palavras-Chave:** Narração; Experiência; Reportagem; Notícia.

O narrador de Benjamin é o narrador anônimo, o contador de histórias, o camponês, o marinheiro, o comerciante. A matéria prima da narrativa é a experiência e a fala dos narradores. Ela é da dimensão oral, como mostram seus gêneros precedentes, como a epopeia grega, a historiografia clássica e a crônica medieval. Em sua obra, ele toma como exemplo o escritor russo Nikolai Leskov, que trabalhando como agente russo viajou intensamente pelo país obtendo uma grande vivência sobre as condições da Rússia. Desse modo, ele adquiriu o fundamento básico da narrativa, que é a experiência. Para Benjamin (1926), a função principal da narrativa é compartilhar experiências de um modo que se fomente uma experiência coletiva (*Erfahrung*).

Além disso, a narrativa tem uma dimensão utilitária. Ela deve sempre carregar um conselho, uma espécie de moral da história. O narrador em sua essência para Benjamin é alguém que sabe dar conselhos. Durante o ensaio, Benjamin mostra a decadência dessa narrativa pura, mas é aqui onde ele percebe o seu primeiro indício de fraqueza. A sociedade passa por um período de mudanças relacionadas às forças produtivas e Benjamin estabelece a tese de que cada vez mais as pessoas comunicam menos suas experiências. Ele diz: “Mas, se dar conselhos hoje parece algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis” (BENJAMIN, 1926, p.200). Um argumento foi sobre o silêncio dos soldados que voltaram da Segunda Guerra Mundial, pois teriam diminuído a sua capacidade de comunicar a experiência como antigamente, na cultura oral. Eles voltaram calados e agora apenas escreviam livros.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste de 12 a 14 de junho de 2013.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: [pedropereira2906@hotmail.com](mailto:pedropereira2906@hotmail.com)

Aqui, antes de terminar a exposição sobre a narrativa de Benjamin, vale a pena mencionar a primeira equivalência dentro do jornalismo, e que se dá pela dimensão utilitária citada há pouco. Luiz Gonzaga Motta chama isso de metanarrativas que, juntamente na construção das notícias, exercem essa função. Por mais que narrativa jornalística seja isenta, imparcial e objetiva como veremos com detalhes mais a frente, ela sempre carrega ao fundo algum conselho ético ou moral. “Os jornalistas só destacam certos fatos da realidade como notícia porque esses fatos transgridem algum preceito ético ou moral, alguma lei, algum consenso cultural” (MOTTA, p.14). Muitas vezes, isso pode não parecer claro nas notícias, mas se foi veiculado é porque no fundo há algo de errado e o jornalismo tenta de certa forma ensinar essa lição.

A correlação dessa característica jornalística com a narrativa é bastante clara quando revela ensinamentos ou insinuações sobre temáticas éticas universais, como nos exemplos citados por Mota: o crime não compensa, a corrupção tem que ser punida, a propriedade precisa ser respeitada, o trabalho enobrece, a família é um valor supremo, entre outros.

Voltando as outras características da narração de Benjamin, ele percebe o surgimento de um novo gênero textual oposto a narração e que ele afirma ser um dos elementos responsáveis pela sua destruição gradual. O romance. “Ele não procede da tradição oral nem a alimenta” (BENJAMIN, 1926, p.201). Ele muda completamente a lógica narrativa. Ele é individual, pois é inerente ao livro. Um escritor pode criar um narrador dentro da história e se distanciar da trama. Diferentemente de uma narração, onde tradicionalmente a história começa primeiramente pelas condições que levaram o narrador a situação principal, depois é que se entra na história de fato. A narração é formada tanto pela história contada, quanto pela história de quem conta. O narrador é personagem em sua própria história, pois se trata do processo de estabelecimento da experiência coletiva (*Erfahrung*) por meio da experiência individual (*Erlebnis*).

O romance não foi o último percalço no caminho da narração. Com a evolução das cidades e a Revolução Industrial, houve o surgimento da burguesia, que acompanhou também o surgimento da imprensa. Para Benjamin, “a informação é tão estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora [...]”. A informação veiculada pela imprensa e pelo jornalismo é exata, ela requer verificação. Enquanto a narrativa, em sua credibilidade, conta com a autoridade da própria tradição e de quem a conta. Acreditava-se sem pestanejar em histórias de viagens distantes mesmo que não fosse possível ir ao lugar de origem ou vê-lo por imagens. Além disso, a informação é completa, ou pelo menos tem os mecanismos para que pareça como tal. O que é o oposto da narração, que nunca se explica por inteiro, ficando aberta a interpretações.

### **A informação noticiosa versus a narração de Benjamin**

Aqui se encontra a diferença fundamental entre o jornalismo noticioso e a narração Benjaminiana, e ela se dá no campo da estética. Para ilustrar a situação, são interessantes dois conceitos do filósofo Immanuel Kant, e são eles o de Ideia Estética e Ideia Racional.

Por Ideia Estética entendo aquela representação da imaginação, que dá muito a pensar, sem que entretanto nenhum pensamento determinado, isto é, conceito, possa-lhe ser adequado que conseqüentemente nenhuma linguagem alcança totalmente e pode tornar inteligível. Vê-se facilmente que é a contrapartida de uma Ideia racional, que inversamente é um conceito ao qual nenhuma intuição pode ser adequada (KANT,1783, p.251).

De fato, não há intuição nas notícias. Elas se encaixam no conceito de Ideia Racional, assim como a narrativa de Benjamin se encaixa no de Ideia Estética. Não se podem abstrair muitos significados de uma notícia, e por consequência não há tanta riqueza interpretativa. Se duas pessoas lerem a mesma matéria, terão informações básicas sobre algum acontecimento e dificilmente discordarão sobre seu conteúdo. Como foi dito anteriormente, os relatos noticiosos são exatos, racionais, e por isso não admitem um largo campo significativo. “A informação só tem valor quando é nova” (BENJAMIN, 1926, p.204). Assim comprovam os jornais, onde acontecimentos de semanas anteriores, por exemplo, são completamente ultrapassados. As notícias envelhecem rápido, enquanto relatos narrativos milenares podem parecer extremamente atuais.

Quando Kant diz que a Ideia Estética “dá muito a pensar”, significa que ela não é algo pronto, fechado, mas abre espaço para a intuição e ideias variadas. É quase o oposto da Ideia Racional. Ela trás riqueza interpretativa e nunca têm todo o seu potencial desvendado ou levado a consenso. Essa é a dimensão estética, a responsável pela vitalidade e longevidade da narração.

Com as frequentes mudanças na sociedade, como já foi apontado, a lógica das relações humanas também mudou extraordinariamente. O meio urbano é rápido e o marasmo do campo há muito ficara para trás. Benjamin cita Paul Valéry: “[...] já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado” (VALÉRY, apud BENJAMIN, 1926, p.206). A narrativa é da lógica artesanal, do trabalho manual, jamais sobreviveria intacta ao modo industrial. Até as histórias encolheram com a *Short Story*, o conto de pequena duração.

Como percebe Walter Benjamin, os tempos mudaram. A narrativa pura não mais existe, mas muitas de suas características ainda permanecem de várias maneiras. Benjamin estava certo ao entender a informação da imprensa daquela época de forma oposta a narrativa. O jornalismo tem mecanismos para que funcione daquele modo, só que nem sempre essa é a lógica predominante.

### **O desenvolvimento do Jornalismo**

Para o entendimento dessa questão é preciso um resgate histórico sobre o jornalismo. Ciro Marcondes Filho fala em cinco fases do jornalismo, citado por Felipe Pena (PENA, 2012, p.32-33). A pré-história do jornalismo, de 1631 a 1789, tem por característica um período de economia mais simples, assim como a produção, ainda feita de forma artesanal e de forma semelhante ao livro.

O primeiro jornalismo, de 1789 a 1830, teve como marco a Revolução Francesa. A partir das influências iluministas, o jornalismo era bastante atrelado à literatura e à política, tendo por seus principais colaboradores, escritores, políticos e intelectuais. No Brasil, por exemplo, era de praxe a publicação de folhetins diários nos jornais, que depois foram transformados em livros da literatura clássica brasileira, alguns exemplos são: O Guarani, 1857, José de Alencar (Diário do Rio de Janeiro) e Memórias de um Sargento de Milícias, 1853, Manuel Antônio de Almeida (Correio Mercantil).

O segundo jornalismo, de 1830 a 1900, foi o marco da imprensa de massa e onde houve a profissionalização da área. Surgiram as manchetes, as reportagens e a consolidação da utilização da publicidade como receita.

No terceiro jornalismo, de 1900 a 1960, começam os monopólios da imprensa. A massificação, com a consequência de grandes tiragens, criou empresas extremamente fortes, onde se estabeleceram também de modo organizado as relações públicas.

O quarto jornalismo, de 1960 em diante, é o da era eletrônica e suas implicações na profissão. A crise do modelo impresso e a adaptação dos jornalistas a nova velocidade do modo de produção da internet.

Na época do primeiro jornalismo, os veículos eram extremamente tendenciosos politicamente e ainda não havia o grande compromisso com o interesse público e a imparcialidade, como ilustra Nilson Lage.

Por muitas décadas, o jornalista foi essencialmente um publicista, de quem se esperavam orientações e interpretação política. (...) o que importava mesmo era o artigo de fundo, geralmente editorial, isto é, escrito pelo editor – homem que fazia o jornal praticamente sozinho (LAGE, 2011, p10).

Segundo Nascimento (2008), somente no século XX, o jornalismo começa a formar seus princípios que hoje conhecemos. Ao reconhecer que havia uma demanda por consumo de informações, o sistema passou por uma série de transformações para se adequar ao interesse do povo e não mais de grupos políticos, ou do próprio dono do jornal. Aquele jornalismo segmentado, partidário e sindicalista deixou de servir a seus nichos para se transformar num veículo a trabalho de todos os cidadãos.

Nesse ponto, surgiu a figura do repórter e da reportagem. Houve uma tendência ao uso da linguagem coloquial em prol de uma maior abrangência de público. E vários mecanismos de imparcialidade e objetividade, como o lead e pirâmide invertida. Aqui é retomado o diálogo com Benjamin, pois é onde surgem as notícias e a informação como ele se refere. O lead é a estrutura inicial de qualquer notícia. Ele apresenta as principais informações (como o quê? quem? onde? e como se deu determinado fato). A pirâmide invertida se refere à hierarquização de informações, no caso, onde as mais importantes vêm primeiro. Nada de guardar o melhor para o final.

Esses mecanismos são responsáveis pelo distanciamento do jornalista enquanto escritor da matéria. A impessoalidade trás a objetividade, eliminando possíveis impressões singulares e subjetivas do repórter. O lead tem também uma implicação mercadológica, já que permite a substituição de profissionais pela evidente standardização e ausência de marcas de autoria. É desse tipo de informação que Benjamin trata. Entretanto, existem outros *modus operandi* no jornalismo e que têm rastros na sua própria origem.

Segundo Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004), o nascimento do jornalismo moderno se deu no começo do séc. XVII surgindo a partir de conversas em lugares públicos, como os cafés londrinos. Por serem locais de encontro e de passagem de muitas pessoas, havia muitos relatos de viajantes que contavam sobre os acontecimentos nos lugares de onde vinham. A partir de então, alguns donos desses estabelecimentos começaram a registrar essas informações em livros que ficavam no local para consulta.

Na Inglaterra havia cafés especializados em informações específicas. Os primeiros jornais saíram desses cafés por volta de 1609, quando tipógrafos mais atrevidos começaram a recolher informações, fofocas e discussões políticas nos próprios cafés, depois imprimindo tudo (KOVACH, 2004, p.37).

Benjamin (1926) ilustra seu conceito de narrativa justamente por meio da figura do viajante, como já foi mostrado um pouco no início do texto. Ele é narrador porque relata acontecimentos através de sua experiência, onde ela é grande parte da história. Não basta apenas trazer os acontecimentos como as notícias, ele conta a história de um ponto de perspectiva das suas realizações dentro dos fatos, em que ele é um individuo ativo. “Assim, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata (BENJAMIN, 1926, p.205)”.

Com o desenvolvimento da profissão, na época do terceiro jornalismo, de 1900 a 1960, surgiram o repórter e a reportagem, como o são hoje. A carga narrativa relacionada ao viajante que trás relatos esteve na origem do jornalismo e continuou desde então mais viva no gênero

reportagem. Os relatos sobre guerra e de correspondentes estrangeiros são os que mais mantiveram as origens na narração clássica de Benjamin.

### **O gênero reportagem**

Esse gênero jornalístico é híbrido e toma características da crônica, da notícia, do artigo e dos mais variados tipos de construção textual. As questões que o define mais especificamente no campo jornalístico são o aprofundamento, a análise e a liberdade textual que tem o repórter, inclusive para se incluir e narrar em primeira pessoa. “A reportagem é um espaço apropriado para expor causas e consequências de um acontecimento, para contextualizá-lo, interpretar e aprofundar, mas sempre num estilo vivo, que aproxime o leitor do acontecimento, que o imerja na história” (SOUZA, 2001, p.259). Jorge Pedro Souza também destaca um objetivo que sempre se deve ter em uma reportagem, que é contar uma história. Esse modo é que aproxima o leitor. Ao ouvir um relato pessoal, ele se coloca no lugar do repórter e vive aquela experiência através da experiência do narrador, assim como previa Walter Benjamin. Todo o mecanismo remete a antiga narrativa oral, a qual por mais que Benjamin julgasse em decadência, resiste mesmo no campo da informação jornalística.

Outro exemplo de informação com caráter narrativo é o telejornalismo, justamente pela sua dimensão oral. Nele, até mesmo notícias comuns podem ter esse potencial, diferentemente do jornalismo impresso, onde acontece na reportagem, salvo raras exceções. Arlindo Machado (2001) afirma que a diferença está nas marcas de enunciação. Enquanto uma mesma notícia de um simples acidente de carro pode ser veiculada no impresso de forma totalmente impessoal com uma sóbria descrição dos fatos, no telejornal há a enunciação de vários agentes. O apresentador chama um repórter no local do acidente onde ele entrevista uma testemunha ainda em estado de choque, ou até mesmo vítimas do ocorrido. Tudo isso com imagens do acidente ao fundo da cena. Esse jogo de imagens, sons e emoções dos relatos, muitas vezes ao vivo, reproduzem com bastante fidelidade o acontecido, bem como a experiência dos envolvidos. Arlindo (2001) afirma que a credibilidade dos jornais na televisão depende bastante da presença no local e na hora dos acontecimentos. A construção desse tipo de jornalismo se deu muito com base nos relatos de pessoas que tem ligações com as histórias, tornando imprescindível essa atualidade.

“O fato de todas essas vozes terem um nome (os repórteres são sempre identificados no telejornal) é também bastante significativo para a individualização do relato, ou mais exatamente, para a identificação de um relato com um sujeito enunciador” (MACHADO, 2001, p.105-106). Existe então uma identificação mais pessoal com o público. O repórter é personificado e reconhecido na rua, ou mesmo pela sua voz. Por mais que no impresso haja a assinatura ou até uma

pequena foto do repórter, é incomparável com a presença ao vivo, a voz, as imagens e o som na televisão. Quase todos os sentidos se ligam ao narrador da notícia e ao seu relato.

Arlindo (2001) lembra inclusive que os telejornais usam essa característica para diferentes objetivos, dividindo-se em dois tipos: o modelo polifônico e o modelo opinativo. O primeiro não faz diferenciação entre os membros do programa, como apresentadores e repórteres na importância de sua fala. Desse modo, o jornal é feito por um grupo de vozes que se complementam, levando a um relato desinteressado, pelo menos na aparência. O segundo modelo é mais centralizador. Ele dá mais importância à voz do apresentador, que possui certa autonomia dentro do telejornal. Normalmente ele faz comentários de caráter opinativo sobre as matérias, tornando então num posicionamento do próprio veículo. A diferença é que neste último caso além da personificação comum de todos os membros, há uma centralização em torno da figura do apresentador, tornando a narração de certa forma mais coesa, no entanto mais interessada devido ao peso editorial.

Um exemplo bastante ilustrativo da perspectiva narrativa dos telejornais é da reportagem de um famoso âncora de uma grande emissora dos EUA. Ele, como apresentador do programa e figura centralizadora, foi a campo na Guerra do Vietnã e trouxe a história com todo o peso da sua personalidade e autoridade ao seu público pela sua própria voz.

Em 1968, após uma série de derrotas dos norte-americanos no Vietnã, Walter Cronkite, o mais conhecido âncora da televisão nos EUA, foi visitar os campos de batalha para ver pessoalmente o que estava acontecendo. Ao retornar produziu uma reportagem especial intitulada *Report from Vietnam*<sup>1</sup>, que muitos analistas consideram a responsável principal pela virada da opinião pública com relação a Guerra do Vietnã. Cronkite viu pessoalmente a carnificina em Khe Sahn, viu meia dúzia de vietcongues enfretarem durante uma semana as tropas de elite do Ocidente, com pesadas baixas para o exército mais poderoso do mundo. O clima de frustração e a perda de confiança no governo, que se seguiram ao depoimento de Cronkite, levaram ao presidente Lyndon Johnson a desistir de sua recandidatura, seis semanas depois. (Report from Vietnam, The CBS Evening News, 1968, Walter Cronkite).

### **A oposição entre os relatos narrativo e noticioso**

De volta aos meios impressos, para Barros Filho (1995), o relato noticioso opera de modo contrário ao relato comum e narrativo. A pirâmide invertida requer uma organização hierárquica de informações em grau decrescente de importância. “A manchete constrói a representação que o leitor faz do texto como um todo antes de lê-lo (o que pode não ocorrer com um título não-jornalístico)” (BARROS, 1995, p.55). O processo de objetivação da notícia é regido pela manchete e pelo lead, então é seguido de abstrações explicativas e contextuais. É semelhante a mostrar o final de um

conto por meio de um *flash-forward* (técnica narrativa que revela um ponto futuro da trama) e depois explicá-lo aos poucos, mostrando por que meios a história chegou aquele ponto.

“Num texto tradicional, o leitor terá de avançar até a última linha para configurar por si mesmo, a partir da soma dos significados particulares de cada proposição, o conteúdo global desse texto e seu sentido.” (SANCHEZ, 1998, apud, BARROS, 1995, p.55). Segundo Clóvis Barros Filho (1995), a grande diferença entre os relatos noticiosos e os narrativos é que estes são construídos em função de um final gerador de sentido, muitas vezes apoteótico, e aqueles são modelados para gerar o sentido da história, uma vez explicitada no título e no lead.

Como foi elucidado, a narração do jornalismo noticioso realmente não corresponde a narração de Benjamin. Entretanto, nem por isso ela deixa de ser uma espécie de narração. Luiz Gonzaga Motta fala em uma narração ideológica e que tem sempre, não importa onde esteja, algum interesse. Essa é uma dimensão não prevista por Benjamin em seu modelo e que explica porque a notícia é como ela é. A narração das notícias e todos os seus elementos já identificados são recursos textuais para estabelecer o que Motta chamou de “efeitos de real”. Todas as características do jornalismo, como a objetividade, a imparcialidade e a impessoalidade são respaldadas por uma narração específica que tem por argumento provar e demonstrar essas mesmas características. Prova essa feita através das escolhas textuais, como a linguagem precisa, as estatísticas, a demarcação das instituições e as respostas básicas a qualquer acontecimento através do lead e outros mecanismos já citados. É a narrativa que tenta criar um efeito de verdade, ao contrário da de Benjamin que é tomada como verdade pela sua tradição, não porque luta por isso na sua narratividade.

Os dois tipos de relatos coexistem no jornalismo, mas de forma mais determinada do que parece. Nos anos 20, o filósofo americano George Herbert Mead (1926) percebera que essa estrutura da notícia jornalística, que existe em função de aparentar imparcialidade e verdade, era mais importante para os campos da política e da economia. Longe desses campos, “o repórter é enviado para colher uma história, não os fatos” (MEAD, 1926, p.309). Desse modo, o jornalismo funcionaria também como narrativa, não teria somente a função de repassar informações relevantes, mas de fornecer histórias e experiências relevantes. E é através da reportagem onde isso mais acontece, pois sua estrutura é mais maleável e permite uma história com início, meio e fim, nessa ordem. O texto pode ser objetivo e mesmo assim funcionar como uma narração, não se explicando por inteiro e dando ao leitor o que pensar e interpretar. Benjamin trás outro exemplo para explicar esse mérito. “O historiador é obrigado a explicar, de uma forma ou de outra, os acontecimentos a que se refere; não se pode limitar, de modo algum, a apresentá-los como modelos do devir do mundo. Essa tarefa é do cronista” (BENJAMIN, 1992, p.42 apud OLIVEIRA, p. 3). O historiador então está fadado à racionalidade da explicação, do mesmo modo que o jornalista quando precisa fazer uma notícia.



Mead dialoga com Benjamin também em questões fundamentais como quando diz que “se a formulação do resultado desfrutável cumpra ou não uma função estética, depende se a narração da notícia (exposta de uma forma aceitável ao grupo que serve) permite ao leitor interpretar sua experiência como a experiência compartilhada da comunidade que faz parte” (MEAD, 1926, p.309). Para Benjamin (1926), a narração é aquela da experiência coletiva (*Erfahrung*), que passa de pessoa a pessoa. Dessa forma, se constata mais uma vez a possibilidade da imprensa funcionar dentro dos conceitos da narrativa de Benjamin.

A seguir, dois trechos de reportagem onde o jornalista contempla a sua história além da história local, como era característico da narrativa de Benjaminiana. O primeiro trecho é de autoria do repórter José Hamilton Ribeiro, quando foi correspondente da revista Realidade na guerra do Vietnã.

### **Eu estive na Guerra**

Ouçõ uma explosão fantástica. É um tuimmm interminável, que me atravessa os ouvidos de um para o outro lado, dá me uma sensação de grandiosidade. Sinto-me no ar, voando, mas ainda sim com tranquilidade para pensar:

A guerra é de fato emocionante. Agora entendo como há gente que pode gostar de guerra...

Uma cortina de fumaça bloqueou-me toda a visão. Tive a certeza, então, de que a bomba havia explodido a alguns metros de mim, exatamente sobre o Henry, o soldado americano designado para me acompanhar.

Henry, você está bem? Henry!... Henry!...

Um segundo depois me senti no chão, sentado. A cortina de fumaça se esgarçou e vi aproximar-se o Shimamoto, fotógrafo japonês que trabalhava comigo. Pergunto-lhe:

“Shima, você está bem?”

Sem responder ele continuou caminhando para mim. Foi aí que senti a perna esquerda. Os músculos repuxavam para cocha com tal intensidade que eu não me equilibrava sentado. Para não cair, rodopiava sobre mim mesmo, em círculos e aos saltos. Instintivamente, levei as mãos para “acalmar” minha perna esquerda, e foi então que a vi em pedaços. O sangue brotava como de torneiras. Olhei em volta e não achei meu pé...” (José Hamilton Ribeiro, Revista Realidade).

“Quando entrei no gabinete, o reitor estava mergulhado nos dossiês. Embora me visse chegar, Alberto Amaral apenas me acenou. Num gesto rápido, convidou-me a sentar. Disse-me que precisava de estudar melhor o orçamento que o Governo atribuía à Universidade do Porto. Seguiu-se um silêncio de meia hora. O fumo do cachimbo enchia o aposento”(Citado por SOUZA, 2001, p.273).

Os trechos mostram que em uma reportagem é possível abordar o mundo do repórter, dá-lo um papel relevante como a pessoa que busca a informação. Ele trás uma história que é informação, mas também é sua história, o caminho que ele percorreu para trazer os fatos. O que se verifica é que o jornalista pode ser também um narrador, não somente aquele que apaga sua presença e traz a informação pura e sem identidade.

A reportagem de correspondentes internacionais têm muitos pontos em comum com a narrativa de Benjamin. O repórter tem que buscar uma história de outro país e interpretá-la com o olhar estrangeiro, pensando com a cabeça do seu público para mostrá-lo porque precisa daquele conhecimento e as implicações para o seu país. É preciso relatar a experiência (*Erfahrung*), muito além da informação, que qualquer agência de notícias trás.

## Referências

BENJAMIN, WALTER. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 7. Ed. Brasiliense, 1986 [Obras Escolhidas. v. 1].

GOMES, ITANIA M. Tendências do telejornalismo brasileiro no início do séc. XXI: Telejornalismo Popular e Infotainment. In: FREIRE, JOÃO (Org.). *Estudos de Televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2011, p.56-87.

BARROS, CLÓVIS. *Ética na Comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo: Moderna, 1995.

NASCIMENTO, PATRÍCIA C. *Técnicas de Redação em Jornalismo: o texto da notícia, volume 2*. São Paulo: Saraiva, 2009.

KOVACH, BILL; ROSENSTIEL, TOM. (2003). *Os Elementos do Jornalismo*, 2º edição. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

SOUSA, PEDRO J. *Elementos do Jornalismo Impresso*. Porto, 2001

MACHADO, ARLINDO. *A Televisão Levada a Sério*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

MEAD, GEORG M. *The nature of esthetics experience*. *International Journal of Ethics*, vol. 36, nº4, 1926, p.382-393.

MOTTA, L. G. F. *Análise Pragmática da Narrativa Jornalística*. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro. CDrom INTERCOM 2005. Rio de Janeiro: Intercom, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos de Jornalismo Impresso*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

KANT, IMMANUEL. *Prolegómenos a Toda Metafísica Pura*. Lisboa: Edições 70, 1783.

PENA, FELIPE. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2012.

LAGE, NILSON. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

